

## A Pesquisa Teórica Nos Processos Criativos Da Cena Contemporânea

Gilson Motta  
Departamento de Artes da UFOP  
Doutor  
Pesquisador, Cenógrafo, Diretor Teatral, Professor

**Resumo:** Em julho de 2009, um coletivo de oito artistas cênicos do Rio de Janeiro se reuniu a fim de realizar performances e intervenções urbanas. O grupo começou a desenvolver uma pesquisa teórico-prática sobre a idéia do heroísmo no cotidiano. Até o momento, o Coletivo realizou duas ações performáticas. De certo modo, o tema desta pesquisa relaciona-se com a investigação que venho desenvolvendo acerca da tragédia grega, visto que o tema do Herói e do Heroísmo tem sua origem na mitologia grega. Assim, se por um lado a pesquisa que ora desenvolvemos resgata alguns elementos presentes nas narrativas tradicionais (virtudes, sacrifício, tipologia do herói, arquétipos), por outro ela dialoga com um imaginário contemporâneo, já que a cultura de massa valoriza a imagem do herói e do super-herói. A pesquisa busca questionar o que é o heroísmo na atualidade, já que o tema vem sendo assimilado por vários setores da sociedade, servindo tanto para aumentar a produtividade de uma empresa, como para reconhecer o esforço das pessoas que realizam suas metas superando dificuldades extremas. Para realizar esse questionamento, o Coletivo se propõe mesmo a tentar encontrar heróis na vida real por intermédio de uma pesquisa de campo ou a realizar ações que, por revelarem valores como a solidariedade, por exemplo, são vistas como “heróicas”. Assim, ao lançar esse questionamento na vivência cotidiana, a pesquisa não somente revela aspectos problemáticos da vida contemporânea (crise de valores éticos, ausência de ideais, etc), como também evidencia outras formas de heroísmo social. Dessa forma, nessas ações performáticas dá-se uma fusão entre a pesquisa teórica e a prática, na medida em que ambas se co-determinam. A comunicação que apresentarei na V Reunião Científica da ABRACE irá relatar esse processo, identificando seus pressupostos teóricos e descrevendo os resultados parciais das ações performáticas.

**Palavras-chave:** Performance, Intervenção urbana, Herói

O tema desta pesquisa não tem uma relação direta com a investigação que venho desenvolvendo acerca da tragédia grega e do espaço. Enquanto esses projetos possuíam uma abordagem predominantemente reflexiva e especulativa, tomando como objeto os espetáculos realizados, aqui o objeto de estudo é justamente um processo de trabalho caracterizado pelas ações performáticas.

Em junho de 2009, um coletivo de oito artistas cênicos do Rio de Janeiro reuniu-se para pesquisar ações performáticas e intervenções urbanas tomando como tema a idéia do heroísmo. O progresso dos estudos resultou no projeto *Heróis do Cotidiano*.

O tema do Herói origina-se na mitologia grega. Associando-se aos cultos à deusa Hera, o termo “herói” possui o sentido de “protetor” ou “defensor”. No contexto grego, o herói é um semi-deus, alguém cuja origem provém da união entre deuses (imortais) e homens (mortais). Por essa duplicidade em sua origem, o herói é alguém que está sempre em vias de transcender a condição humana, realizando ações que o homem comum não consegue realizar. O transitar entre duas realidades caracteriza o herói. Este é alguém que supera a medida, alguém que possui as capacidades específicas para enfrentar perigos e adversidades ou, num sentido mais moral, alguém que age para o bem de uma comunidade. As ações performáticas dos *Heróis do Cotidiano* se aproximam desse sentido, já que se caracterizam pela ação de prestar ajuda às pessoas.

No que diz respeito ao tema do espaço, interessa-me observar a intervenção urbana como modo de transformação da percepção e da vivência do espaço, como forma de criação de um espaço fictício temporário. Nesse sentido, pelo fato de ser uma figura já fortemente presente no imaginário coletivo, ao intervir no espaço o Herói apresenta-se justamente como a insurgência do imaginário no plano do cotidiano. Se, por definição, o herói transita entre duas realidades, ao criarmos heróis que atuam no cotidiano, estabelecemos uma passagem imediata do espaço real para o imaginário.

O tema do heroísmo no cotidiano vem se manifestando em diversos meios de comunicação, estando presente de maneira maciça no cinema, em obras literárias, em sites da Internet, em desfiles de moda, em campanhas publicitárias governamentais e de empresas privadas. Esse tema está diretamente relacionado à cultura de massa (HQ, cinema, Tv), esfera em que a imagem e o ideal de um ser dotado de poderes especiais para resolver grandes problemas da sociedade se faz intensamente presente. Desse modo, o tema do heroísmo cotidiano possui forte apelo no imaginário da sociedade, propiciando relações de identificação imediata. Esse tema emergiu na vida moderna pelo fato de esta ser marcada tanto pela extrema competitividade e pela exigência do esforço pessoal para superar desafios, quanto pela presença de grandes desigualdades sócio-econômicas e de graves conflitos internacionais. Denominam-se “heróis do cotidiano” todas as pessoas que lutam contra preconceitos, pessoas engajadas em causas sociais, pessoas que passam por dificuldades econômicas e que sobrevivem à custa de grandes precariedades realizando seus projetos pessoais com esforço e sacrifício. Mas o tema também pode ser manipulado negativamente pela mídia, passando a se referir ao esforço pessoal

como meio de ascensão social, à valorização da produtividade nas empresas, ao incentivo às ações solidárias patrocinadas por grandes grupos empresariais. Por esses motivos, julgamos que o tema do (falso) heroísmo deva ser questionado.

As ações performáticas realizadas pelos *Heróis do Cotidiano* se apresentam como meios para a discussão dessas questões. Nessas intervenções, feitas em espaços públicos ou privados, cada um dos artistas/performers se caracteriza como um herói dotado de um poder específico – a Força, a Eficiência, o Entendimento, a Escuta, a Alegria, a Organização, a Paciência e a Intuição – com o intuito de prestar um auxílio real e concreto a alguém. Até o momento, o Coletivo realizou três ações:

- 1) Na Semana da Pátria, na Av. Presidente Vargas, no centro do Rio de Janeiro, os *Heróis do Cotidiano* se infiltraram no desfile militar;
- 2) No Cartório Rio Rápido, no Rio de Janeiro, no Dia do Voluntariado, os *Heróis* foram convidados para prestar ajuda aos usuários e funcionários do cartório. Nesse dia, os *Heróis* realizaram explicações, energizações, abraços em grupo, massagens, ações anti-stress, entre outros.
- 3) Na Praça São Salvador, prestaram diversos serviços aos transeuntes e vendedores ambulantes;

Comentarei apenas a performance da Semana da Pátria. É importante observar que as ações que realizamos no decorrer do desfile não foram programadas.

O grupo chegou ao local antes de o desfile começar, chamando a atenção dos espectadores e dos verdadeiros atores do desfile (militares). A avenida Presidente Vargas possui três pistas, entremeadas por calçadas. O desfile oficial é realizado na pista central, nas proximidades do prédio do Ministério do Exército, onde, num palanque, ficavam as autoridades, e onde arquibancadas são dispostas para o público. Numa das pistas laterais, os militares se agrupavam para, num momento posterior, passar à pista central, onde começaria a apresentação. O público também ficava disposto ao longo da pista central, nas calçadas. A outra pista lateral era de livre acesso. Desde o início, o elemento paródico se afirmou na medida em que os performers se colocaram em fila, na calçada, e imitaram os gestos e movimentos dos militares.

Os espectadores acolhiam os *Heróis* com simpatia, incentivando-os e fazendo fotos com o grupo e, surpreendentemente, reconhecendo o grupo – : “são os heróis do cotidiano” - como se esse já lhes fossem familiares. O que se nota, assim, é que o público já determina um sentido para a ação, como se não estranhasse o fato de pessoas vestidas de super-heróis desfilarem numa

parada militar. Em suma, deu-se uma assimilação imediata do ficcional à realidade. Mas o contrário também ocorria: alguns espectadores reagiam negativamente aos *Heróis*, criticando-os e ofendendo-os pelo fato de estarem “prejudicando” o desfile.

Ao longo da intervenção, que durou cerca de 90 minutos, o grupo fez movimentos e ações mais ousadas: em vez de se limitar a fazer uma fila paralela a dos militares, o grupo se imiscuiu entre eles, na pista lateral. As reações destes variavam bastante, entre o riso, a estranheza, o desprezo, a admiração, a indiferença. Como era esperado, num determinado momento – isto é, quando iria se iniciar a apresentação para as autoridades – os performers não puderam mais acompanhar o desfile, sendo obstruídos por um grupo de militares. A partir de então, os performers realizaram pequenas ações que pudessem vir a ajudar os espectadores ou participantes: crianças que não conseguiam ver o desfile eram erguidas, ajudavam-se os ambulantes a carregar equipamentos ou conduzir seus veículos, entre outros. Embora essas ações tenham sido bem acolhidas, o grupo percebeu que seria mais interessante ficar junto ao grande grupo de espectadores situados nas arquibancadas. Como não foi possível chegar ao local, o grupo decidiu se juntar ao público situado ao longo da pista, observando o desfile. Esse simples ato de olhar ou de fazer algum gesto para os militares que desfilavam era suficiente para provocar uma espécie de desconcentração naqueles que desfilavam com armas e cantavam hinos, nos quais a palavra “herói” aparecia. Assim, misturados ao público, os *Heróis* formavam um elemento de “estranheza” que causava uma reação imediata a alguns dos militares que desfilavam: sorrisos contidos e reprimidos, olhares de recriminação, rápidos olhares surpresos, em suma, fugazes “desarmamentos”.

Se, de um lado, o elemento político da intervenção se delineava no próprio fato de a homenagem aos heróis nacionais ser irônica, por outro, esse elemento se reforçou na medida em que o grupo passou a ajudar os grupos políticos que também participavam do desfile numa atitude de protesto por causas diversas (“fora Sarney”, “melhores condições para a Educação”, MST, entre outros). Algumas dessas pessoas reagiam mais diretamente aos grupos que lhes eram simpáticos, como os Bombeiros, ou que lhes eram totalmente adversos, como a Polícia Militar. Em suma, aqui encontramos antagonismos mais explícitos. Possivelmente, nesse pequeno grupo poderiam existir vários “heróis do cotidiano” conforme definimos anteriormente. Dessa forma, em seu conjunto, a intervenção parecia assim colocar em questão o próprio sentido do ideal de heroísmo na atualidade: onde estão os heróis? De que lado estão?

Do ponto de vista estético, a intervenção se aproxima das pesquisas que assumem a cidade e seus fluxos como conformação de uma base dramaturgica e que buscam romper com o uso social de certos espaços, subvertendo os fluxos<sup>1</sup>. Além disso, o interesse do Coletivo é pensar a inserção do imaginário, do fictício na realidade. As ações performáticas do Coletivo tanto podem se dar num espaço totalmente desprovido de espetacularidade, como é o caso do cartório, como também um espaço-tempo totalmente espetacularizado, como foi o Desfile do Sete de Setembro, no Rio de Janeiro. Aqui, estabelecia-se uma sobreposição: os heróis (elemento fictício e espetacular) se inseriam num outro espetáculo de caráter cívico e político, onde a cidade, com seus monumentos, sua história, acrescentava um sentido, um discurso à ação performática.

As ações do grupo buscam assim dialogar com a cidade e seus heróis, sejam esses oficiais, sejam esquecidos, sejam anônimos, sejam desconhecidos.

---

<sup>1</sup> CARREIRA, André. Teatro de invasão: redefinindo a ordem da cidade. *In Espaço e teatro. Do edifício teatral à cidade como palco.* (org. Evelyn Furquim Werneck Lima). Rio de Janeiro: Sete Letras, FAPERJ, 2008.